

HRC suspende 29 cirurgias

Funcionamento do setor de emergências e do centro obstétrico, este com cerca de mil atendimentos por dia, continua inalterado

Marcelo Abreu
Da equipe do **Correio**

O mistério continua. Sabe-se, até agora, que a provável causa da infecção que atingiu sete pacientes do Hospital Regional de Ceilândia (HRC) e levou um deles à morte — depois de submetidos a cirurgias na semana passada — foram bactérias da família dos *estreptococos*, comuns em casos de infecção na garganta. O que ninguém sabe, entretanto, é como e de que forma essas bactérias chegaram ao centro cirúrgico. Se por meio de material, como luvas e roupas contaminadas, ou trazidas incubadas pela equipe médica que participou das cirurgias. Até os próprios pacientes serão investigados. Como em romance de suspense — até que se prove o contrário —, todos são suspeitos.

Pelo menos é isso que a Comissão de Controle de Infecção Hospitalar do HRC tenta descobrir. E é isso que as famílias dos pacientes vão exigir. “Já identificamos o agente causador da infecção. Agora, o próximo passo é localizar o foco”, explica o chefe da Comissão, pediatra Cláudio Viana Júnior, de 34 anos.

Além de Raimunda Mendes da Silva, de 43 anos, que se internou no sábado, 12, para cirurgia de retirada do útero e não resistiu à infecção generalizada pós-operatória, mais seis pacientes estão em estado delicado. Um deles, a dona-de-casa Erozina Gonçalves dos Santos, de 51 anos, é a que está em pior estado. Levada às pressas para o Hospital Regional da Asa Norte (Hran) — depois de uma cirurgia aparentemente simples, para retirar um mioma do útero —, ela encontra-se em coma na Unidade de Terapia Intensiva (UTI), respira por aparelhos e há quatro dias permanece inconsciente.

“Ela tem infecção generalizada”, admite o diretor do HRC, ginecologista Marcelo Pereira de Souza, de 44 anos. “Entregamos nas mãos de Deus”, resigna-se a filha de Erozina, Simone dos Santos, de 22 anos. “Agora, o que importa é que minha mãe saia dali com vida. Depois, vamos ver como iremos proceder

junto ao Hospital de Ceilândia”, continua.

Na manhã de ontem, abatida e vivendo o drama há uma semana, Simone foi ao HRC buscar o prontuário da mãe. Quer documentar tudo que puder conduzir ao problema por que passa sua mãe. “É só o que temos para nos resguardar.”

CIRURGIAS SUSPENSAS

Junto com Erozina, no Hran, está Maria Bárbara, de 46 anos. Ela tem três filhos que trabalham no HRC. Submeteu-se a uma cirurgia — considerada corriqueira pelos médicos — de hérnia incisional. Saiu dali para a UTI. Em estado menos crítico, a infecção da paciente foi controlada e, se não houver algum contratempo, deverá sair para a ala de tratamento semi-intensivo em 48 horas.

Os outro quatro pacientes permanecem no HRC, na ala de isolamento do hospital. São três mulheres e um homem. “Estão reagindo bem. Um deles até está andando”, garante Marcelo Souza.

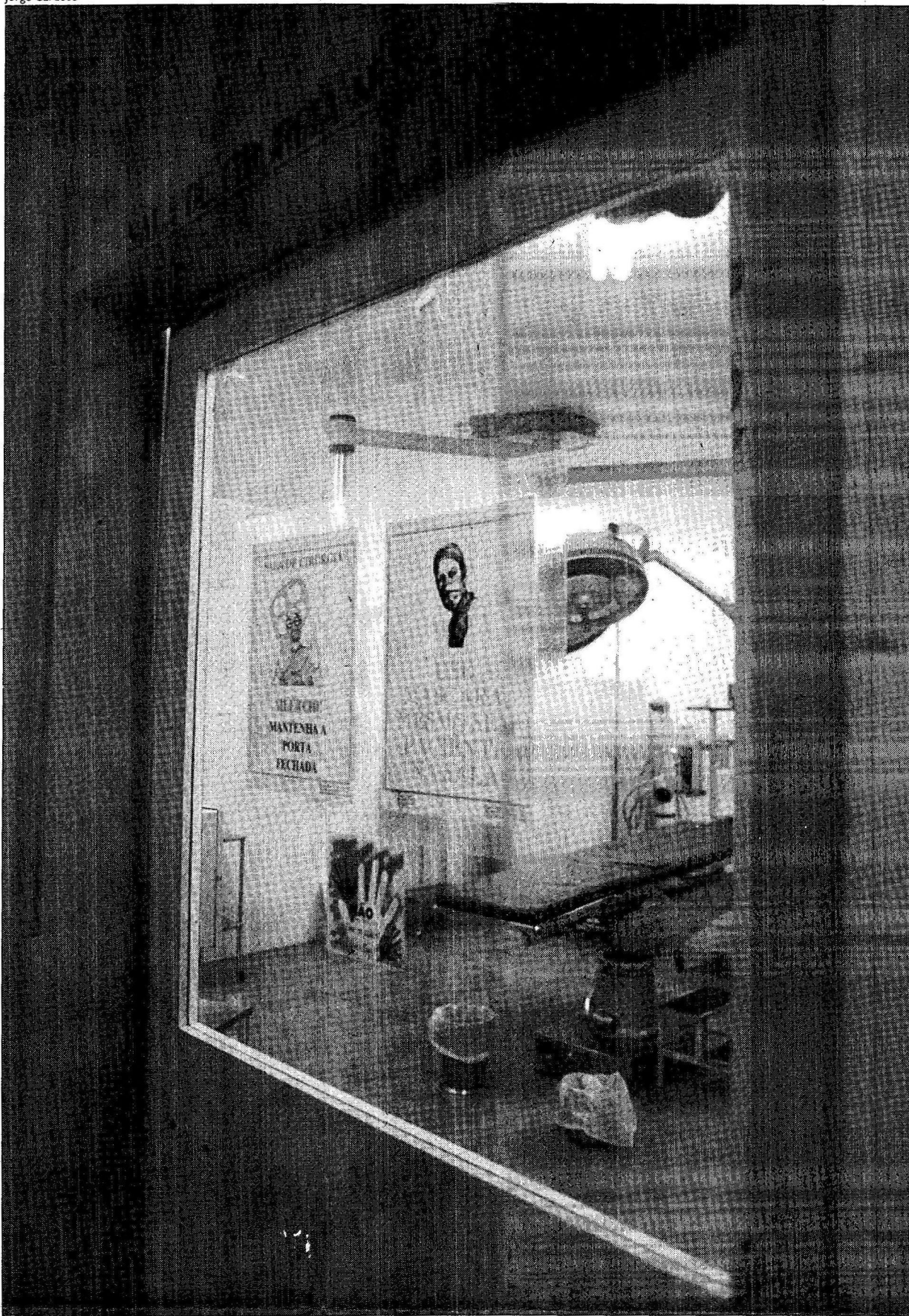
ÍNDICE ELEVADO

Na semana em que se deu o problema no centro cirúrgico do HRC, 49 pacientes foram operados. Sete contraíram infecção hospitalar. Número considerado alto pela Organização Mundial de Saúde (OMS), que admite como limite máximo de tolerância índices que variam de 1,5% a 2%. Essa tolerância ainda varia de hospital para hospital e leva em conta o número de atendimentos diários.

“Não esperamos ninguém morrer para fechar o centro cirúrgico. Quando detectamos o primeiro paciente com infecção hospitalar, vimos que o caso era grave”, defende-se o diretor do HRC. “Fechamos para proteger as pessoas.”

Desde sexta-feira, todas as cirurgias eletivas (aquelas marcadas) que eram realizadas no centro cirúrgico foram suspensas. Nos últimos cinco dias, 29 operações deixaram de ser feitas. Muitas delas eram aguardadas há meses pelos pacientes. “Elas não foram canceladas. Só adiadas, até que o problema seja resolvido. Elas terão prioridade”, in-

Jorge Cardoso



Com a interdição da sala de operações, desde sexta-feira, muitos pacientes são levados para outros hospitais

forma Marcelo Souza.

Denúncia de que não só no centro cirúrgico, mas em outros setores do HRC haviam sido detectados casos de pacientes com infecção, não foi confirmada pelo **Correio**.

No centro obstétrico e na emergência, o atendimento continua normal. Nesta última, com a média que lhe é característica: mil pacientes/dia.

“Não iríamos colocar a vida das

pessoas em risco”, garante o diretor do HRC. “O único problema de infecção no hospital aconteceu no centro cirúrgico”, ratifica o chefe da Comissão de Controle de Infecção do HRC, Cláudio Júnior.